

FANÕES DE OURO

POR JOAQUIM FRONTEIRA

Quando Afonso de Albuquerque, no Industão de imorredoura memória, conquistou Goa, Ormuz e Malaca, logo determinou mandar cunhar moeda portuguesa em substituição da que, até então, por aquelas partes corria «por apagar a moeda dos Mouros e lançar suas prantas, e nome fora da terra», como seu filho Braz Affonso d'Albuquerque deixou escrito nos «Commentarios do Grande Affonso d'Albuquerque», referindo-se às «cousas de Malaca». E, por tal, em 1510 criou uma Casa da Moeda em Goa e em 1511 outra em Malaca, nas quais se cunharam moedas de ouro, prata e estanho.

Nesta breve notícia vamos, precisamente, ocupar-nos de um tipo dessas moedas indígenas — o fanão de ouro — batido ou, pelo menos, corrente nos domínios do rei de Calicut.

Sabido é que, quando pela primeira vez Vasco da Gama aportou à capital daquele reino, o tredo Samorim, de início, o recebeu com demonstrações de amizade; mas, depois, por cupidez e levado, também, por ruins conselhos, pretendeu desembaraçar-se dele e apoderar-se das naus e de sua fazenda, por meios violentos. Não tendo conseguido o seu intento viu-se, mais tarde, forçado a pagar tributo ao Gama, que o recebeu em nome de El-rei de Portugal, D. Manuel I, seu amo e senhor.

Ao pagamento desse tributo em fanões se refere o Dr. Gerson da Cunha nas «Contributions to the Study of Indo-Portuguese Numismatics», dizendo: «The others (coins) were so-called *fanaos* by the Portuguese, and *fanams*, or more properly *panams*, by the Hindús, being gold coins of a minute size. Fanao was, moreover, the coin with which the Hindús of the early days of the Portuguese conquest paid to the Admiral Vasco da Gama their tribute, as I have already mentioned elsewhere».

Esta referência fora já feita, segundo o mesmo autor elucida, em «An Historical and Archaeological Sketch of the Island of Angediva»,

2.ª edição de 1878, pág. 11, trabalho que não conseguimos encontrar em qualquer Biblioteca pública de Lisboa.

Também se dá notícia de fanões em uma passagem das «Lendas da Índia», de Gaspar Correia, quando, diz: «Dentro em huma casa (do rei de Calicut) acharão muytos caixões cheos de fanões, que he sua moeda d'ouro, que tirarão fora.»

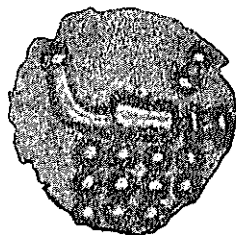
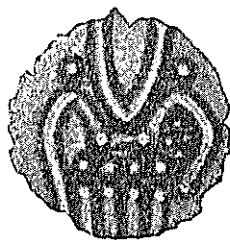
Na «História genealógica da Casa Real Portuguesa», D. António Caetano de Sousa, apresentando uma «*Relação das Moedas da Asia, que correm na India Portuguesa e das que são próprias do mesmo Estado*», não fala em fanões de ouro de Calicut, possivelmente por então já ali não correrem, mas sim noutra moeda de ouro — o «pagode» — acerca da qual diz: «Verdadeiramente não tem figura circular, mas he hum bocado de ouro do tamanho de huma ervilha. Tem por cunho hum Idolo, que por isso tem o nome de Pagode, que na India he o mesmo, que Idolo»... «Em Calicut, e outras terras do Sul correm por mil e oitocentos reis.» Um dos exemplares de fanões de que, a seguir, damos as gravuras mostra, de facto, talvez um ídolo numa das faces; mas de forma alguma se lhe pode atribuir o valor, de então, de mil e oitocentos reis. De resto o pagode é uma moeda bastante maior do que o fanão. Mais abaixo D. Caetano de Sousa fala no fanão, mas de prata, que «corre em toda a Costa de Coromandel, e vale cincoenta reis».

Debalde tentamos documentar-nos melhor quanto a estas curiosas moedas procurando menção delas no valioso repositório de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara o «*Archivo Portuguez Oriental*»; na «*Varia historia de cousas notaveis do Oriente*», de Fr. João dos Santos; e no «*Chronista de Tissuary*», também de Cunha Rivara. Tão-pouco nas «*Remissiones Doctorum ad contactus, ultimos voluntates, et delicta spectantes in librum quartum Ordinationum Regiarum Lusitanorum*», de Manoel Barbosa que traz a «*valia das moedas antigas que ouve neste Reino, e ha na India*», se encontra referência aos fanões de ouro. E, para que se veja a diversidade de informações até quanto a moedas de ouro, basta que se diga que, tratando dos «pagodes», este autor lhes dá um valor entre 570 e 600 réis!

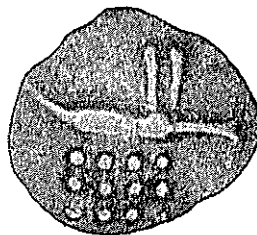
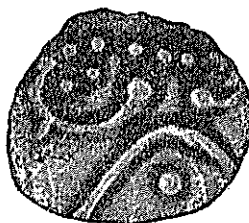
Da mesma forma o valor attribuído aos diminutos fanões de ouro era bastante variável. Assim, António Nunes no seu «*Livro dos pesos da Yndia e assy medidas e mohedas*», publicado nos *Subsídios para a*

história da Índia portuguesa, da Academia das Sciencias, transcreve uma «Tabella do valor representativo das moedas da Índia», na qual o valor do fanão oscila entre 29 19/49 réis em Negapatão (ouro baixo), onde era conhecido ainda por «chocrão», e 10 réis, em Ceilão (ouro muito baixo). Nesta ilha 30 fanões da terra equivaliam a 1 pardáu e acrescenta «... e aleuantão e abaixão; e são estes fanões de muito roim ouro e baixo».

FANÕES DE OURO



Exemplar « A »



Exemplar « B »

(Ampliações a ca. 4 diâmetros)

Os dois exemplares que ora apresentamos pertencem o primeiro ao senhor Engenheiro António Maria Diogo Tovar de Lemos e o segundo ao senhor Engenheiro Joaquim Ferraro Vaz, tendo chegado às mãos dos seus actuais possuidores por formas bem diversas: aquele foi oferecido a seu pai o senhor Conde de Tovar, quando embaixador extraordinário

no Vaticano; o outro foi obtido por permuta entre este distinto numismata e um coleccionador alemão.

O peso de qualquer dos exemplares é exactamente o mesmo (0,4 gramas) e têm, sensivelmente, igual módulo (7 a 8 milímetros). Diferem bastante, porém, no que respeita ao anverso, como se vê pela descrição que deles vamos fazer :

Exemplar « A » :

Anverso — Busto humano com os braços arqueados ; o esquerdo apoiando a mão na cintura e o direito caído ao longo do corpo. Brincos nas duas orelhas. Dois grupos de três glóbulos sobre o peito e quatro entre o tronco e o braço esquerdo.

Reverso — A charrua indiana de madeira, simbólica, rasgando sulcos no terreno, cujos torrões estão, talvez, representados por doze glóbulos maiores do que os do anverso, dispostos em quatro grupos de três cada.

(Neste exemplar o 12.º glóbulo não está visível devido a cerceio ou ao corte irregular do seu bordo).

Exemplar « B » :

Anverso — Rosto humano (?) ostentando um diadema com oito pérolas ; bigodes (?) compridos passando sobre a boca circular.

Reverso — A charrua indiana de madeira, simbólica, um tanto diferente da figurada no exemplar « A », sulcando a terra ; da mesma forma os torrões estarão representados por doze glóbulos, dispostos em quatro grupos de três cada.

No Museu Numismático da Casa da Moeda tivemos ocasião de ver cinco fanões de ouro, todos com o aspecto de serem de liga mais baixa do que a dos dois exemplares acima descritos. Um deles é muito semelhante ao exemplar « A », e o peso é, também, de 0,4 gramas, conforme amável informação do Superintendente do Museu, senhor Prof. Damião Peres.

Os cinco exemplares estão classificados, genèricamente, como «Samorins».

Antes de findar esta breve notícia diremos que no Catálogo 68.º de J. Schulman (Holanda), de moedas da Ásia, África, América, Oceânia e orientais, aparecem oito exemplares de fanões, sete dos quais como sendo do Samorim de Calicut e com a designação de «fanam vir-

-raya». Seis deles, de prata, constituindo o lote n.º 2962, são chamados «de charrua», cujo símbolo, convencional, apresentam no reverso. O outro fanão «vir-raya» é de ouro, mas não tem a indicação do peso. O oitavo fanão é, também, de ouro, mas de Travancore, e é chamado f. Anandaramen, derivado do nome do divan Anant Ram que o mandou cunhar, entre 1758 e 1798. O peso indicado é muito próximo ao dos exemplares «A» e «B», pois que é de 0,38 gramas. Como atributo comum a estes apresenta no anverso doze glóbulos.

Cumpre-nos, agora, agradecer aos senhores engenheiros Tovar de Lemos e Ferraro Vaz a amabilidade com que puseram à nossa disposição os exemplares acima descritos; e ao segundo, em particular, a bibliografia que, com a sua costumada gentileza, permitiu que consultássemos.

E, assim, terminamos a notícia sobre estas pequenas moedas que corriam na Índia ao tempo em que os portugueses, descobrindo o caminho marítimo para a costa do Malabar, levaram àquelas terras afastadas as luzes da civilização ocidental.